

## HISTÓRIA ANTIGA E USOS DO PASSADO EM PERSPECTIVA: ENTRE O CONHECIMENTO FORMAL E A VIDA PRÁTICA

*Ancient history and uses of the past in perspective: between practical life  
and formal knowledge*

Leandro Hecko<sup>77</sup>  
[leandro.hecko@ufms.br](mailto:leandro.hecko@ufms.br)

**Resumo:** O presente texto busca problematizar elementos que são importantes de se considerar nos estudos de História Antiga, perpassando a necessidade de significação de um passado distante para o presente por meio dos chamados usos do passado. Neste sentido, a compreensão dos usos do passado no âmbito do conhecimento formal e da vida prática constitui uma importante ferramenta teórica a quem pesquisa e ensina disciplinas relacionadas à Antiguidade.

**Palavras-chaves:** História Antiga, usos do passado, vida prática.

**Abstract:** The present text discusses important elements to be considered in studies of Ancient History, passing by the need for a meaning of a far past to the present through so-called uses of the past. Therefore, understanding the uses of the past in the formal knowledge and practical life is an important theoretical tool to those who research and teach courses related to ancient.

**Keywords:** Ancient History, uses of the past, practical life.

Aqui pretendemos abrir espaço para reflexão acerca da importância dos estudos sobre a Antiguidade, em amplo aspecto, mesmo em uma sociedade onde o conhecimento sobre o passado distante parece atravessar uma crise de interesses paradoxal<sup>78</sup>: por um lado deixa de ter interesse generalizado no âmbito do conhecimento pelo próprio distanciamento temporal e dificuldade de compreensão e atribuição de

---

<sup>77</sup> Professor Adjunto do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas – MS. Artigo enviado em 13/11/2013 e aceito em 20/12/2013.

<sup>78</sup> O presente texto mostra alguns apontamentos teóricos de nossa tese de doutoramento, pela Universidade Federal do Paraná (sob orientação da Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni), somados a algumas ideias suscitadas pela nossa experiência como professor de História Antiga e Tópicos Especiais de História Antiga na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul diante de questionamentos sobre a utilidade de se estudar a Antiguidade.

sentido diante de um mundo pragmático e, por outro, faz-se presente cada vez mais em atração diante das diversas apropriações contemporâneas que são feitas desse passado longínquo por meio de usos, consumos, apropriações e ressignificações<sup>79</sup>. Neste caminho, pensando em problematizar esse paradoxo, tomamos a perspectiva de usos do passado associada à História Antiga a partir de dois teóricos não pertencentes aos estudos sobre a Antiguidade, mas que podem ter suas ideias aplicadas a essa área: Jörn Rüsen e David Lowenthal.

Primeiramente, buscando pensar sobre a História Antiga em relação aos usos do passado nos apropriamos das ideias do alemão Jörn Rüsen, teórico da história, que analisa a forma de construção da matriz disciplinar da História a partir de funções práticas manifestas entre os historiadores e também no cotidiano social (RÜSEN, 2001, p.26-30). Embora Rüsen não se ligue aos estudos específicos de Antiguidade e usos do passado, seu pensamento nos é esclarecedor e problematizador ao observarmos tais fenômenos possibilitando profunda compreensão dos seus elementos constituidores. Assim cabe pensar, primeiramente, na matriz disciplinar histórica, em conceito que Rüsen empresta de Thomas Kuhn<sup>80</sup>, que seria “o conjunto sistemático dos fatores ou princípios do pensamento histórico determinantes da ciência da história como disciplina especializada” (RÜSEN, 2001, p.29). Seguindo este raciocínio, a constituição da ciência histórica tem seus fundamentos no fato de que os seres humanos possuem interesses sobre o passado. Diz-nos Rüsen, complementando essa ideia:

O melhor ponto de partida parece ser aquele que, na vida corrente, surge como consciência histórica ou pensamento histórico (no âmbito do qual o que chamamos ‘história’ constitui-se como ciência). Esse ponto de partida instaura-se na carência humana de orientação do agir e do sofrer os efeitos das ações no tempo. A partir dessa carência é possível constituir a ciência da história, ou seja, torna-la inteligível como resposta a uma questão, como solução de um problema, como satisfação (intelectual) de uma carência (de orientação). (RÜSEN, 2001, p.29-30)

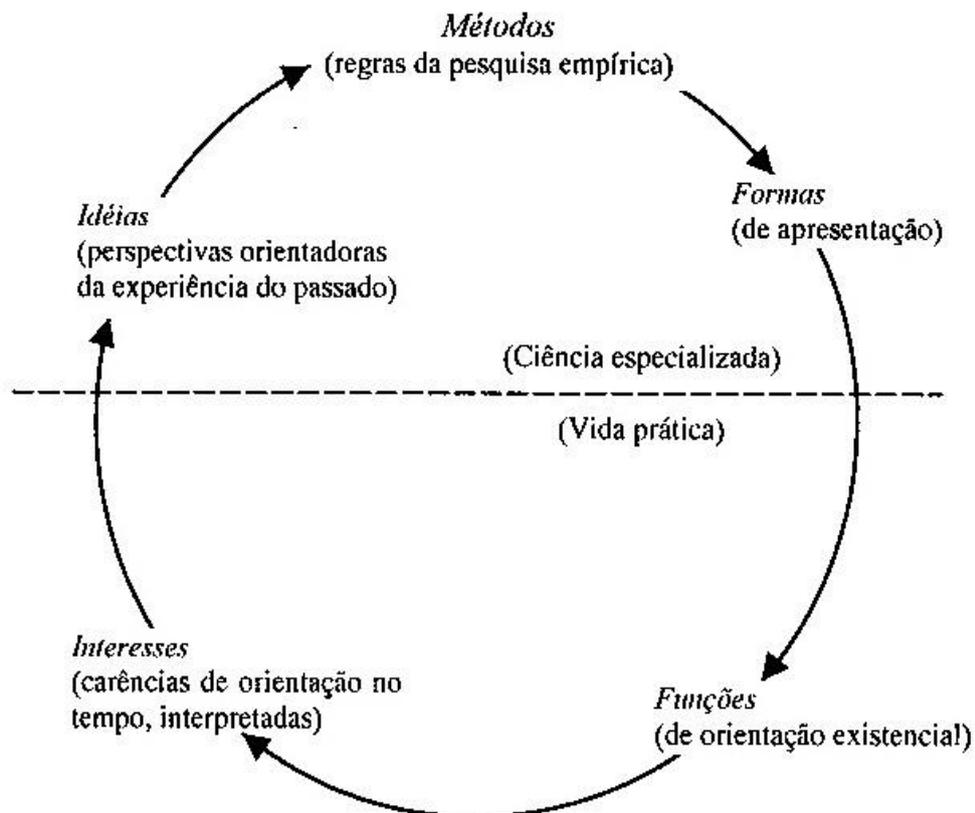
Neste sentido, o interesse pela História e a necessidade de orientação no tempo, cerne do pensamento histórico, fundam a ciência. Dessa fundação, interessa-nos o fato de que tudo parte do cotidiano e da vida prática das pessoas, em consonância com a

---

<sup>79</sup> Ver os casos de usos políticos, estéticos, a egiptomania (releituras de ícones do Egito Antigo), a helenomania (releituras/ressignificações de questões diversas relacionadas à Civilização Helênica), a latinomania (releituras/ressignificações diversas referentes à Roma Antiga), entre outras possibilidades.

<sup>80</sup> Do livro *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

ideia já muito difundida de que esta é a ciência dos homens no tempo (BLOCH, 2001, p.55). É neste sentido que entendemos que a História Antiga e os usos do passado se inserem utilizando o pensamento rüseano: aparecem como objeto de ciência e, também, fundam-se no cotidiano e vida prática das pessoas. Em torno dessas ideias, consideremos o esquema resultante do pensamento rüseano (RÜSEN, 2001, p.35):



A vida prática encontra-se em frágil linha divisória com a ciência especializada e esta reflete as problemáticas daquela. Há, portanto, um contínuo e cambiante processo no qual o pensamento histórico pode ser apreendido entre interesses gerados por carências de orientação no tempo. Estas são constituidoras de ideias perspectivadas da experiência do passado, e levam à constituição de métodos e regras de pesquisa empírica que serão organizadas em formas de apresentação que atuarão com funções na vida prática, num retorno, a partir da narrativa, à necessidade prática de orientação existencial (RÜSEN, 2001, p.30-35). Surge, então, como um retorno partindo de carências de orientação no tempo interpretadas. É por essas interdependências no processo do pensamento histórico que ressaltamos as reflexões de Rüsen neste trabalho.

Conhecer o passado, apropriar-se dele, significá-lo e ressignificá-lo, estabelecendo usos para o mesmo, faz parte de nossa própria vida na modernidade.

Seguindo o pensamento de Rüsen, destacamos também a importância da narrativa no referido processo:

Para se entender o que a narrativa realiza, é necessário caracterizar melhor a categoria de sentido. A constituição de sentido produzida pela narrativa histórica a partir da experiência no tempo opera-se em quatro planos: a) no da percepção de contingência e diferença no tempo; b) no da interpretação do percebido mediante a articulação narrativa; c) no da orientação da vida prática atual mediante os modelos de interpretação das mudanças temporais plenos do passado e, por fim, d) no da motivação do agir que resulta dessa orientação. ‘Sentido’ articula percepção, interpretação, orientação e motivação, de maneira que a relação do homem consigo e com o mundo possa ser pensada e realizada na perspectiva do tempo. Sentido histórico na relação com o mundo significa uma representação da evolução temporal do mundo humano tanto baseada na experiência quanto orientadora e motivadora do agir. Também na relação do homem com si mesmo, o tempo é interpretado em consecução, de modo que seja alcançado um mínimo de consciência do ‘eu’: identidade histórica (RÜSEN, 2001, p.155-156).

Desta forma, a constituição do pensamento histórico perpassa a própria narrativa e a busca de sentido ao passado. Noutras palavras, há que ressaltar os itens levantados por Rüsen no texto acima, que afirma os seguintes princípios: há que existir a consciência de que estabelecemos uma relação com o passado; de que sempre narramos esse passado e o interpretamos (conscientes ou não de que o narramos ou interpretamos); a ideia de que esse passado orienta nossa vida prática atual e a percepção de que o passado nos dá algum tipo de motivação.

Tais princípios se articulam a outra instância relacionada à nossa vida prática: trata-se da formação histórica. Formação, *latu sensu*, quer dizer um conjunto de competências de interpretação do mundo e de si próprio, refletindo o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento (RÜSEN, 2007, p.95). Desta forma, para apreender o mundo e suas facetas historicizadas, tomar consciência dos princípios do pensamento histórico é dar forma à inata carência de orientação no tempo. A carência e a inquietude em relação ao tempo nos arrebatam de modo muito forte e conscientizar-se desse fato é constituir uma formação histórica. Os seres humanos nascem com uma composição física cerebral propícia à orientação no tempo e à narrativa e no decorrer da vida, em sua constituição individual e coletiva, passam por momentos de formação em família, em grupos sociais, na escola e outras instituições.

As necessidades de narrar e dar sentido à existência humana nos tempos e espaços afloram conscientemente pela formação. Afirma-nos Rüsen, sobre a formação histórica que:

Formação leva muito a sério esse direcionamento à carência de orientação. Ela o contrapõe à fragmentação do saber científico necessariamente decorrente da especialização da ciência. Com isso, ela coloca à frente a carência do sujeito ausente, de fazer-se valer como pessoa, no uso do saber para fins de orientação de sua própria vida prática, de afirmar-se como instância de legitimação dos modos práticos de viver (RÜSEN, 2007, p.95).

O direcionamento em relação à carência de orientação no tempo, por sua vez, transcende as necessidades próprias da ciência histórica. A formação, em continuidade, também diz respeito ao modo de recepcionar o saber histórico, lidar com ele, tomar posição quanto a ele, utilizando-o (RÜSEN, 2007, p.101).

Ainda em torno das ideias da relação entre conhecimento histórico e vida prática, das carências de orientação no tempo e da formação em história cabe acrescentar algumas palavras quanto à consciência histórica. Esta é a constituição de sentido sobre a experiência no tempo, no modo de memória que transcende sua própria vida prática. Questiona-nos Rüsen dizendo: “que outras qualidades se encontrariam nas operações típicas da consciência histórica, que não a memória histórica e o processo narrativo de sentido da experiência do tempo, que valem como orientação existencial e assim são o próprio aprendizado histórico?” (RÜSEN, 2007, p.104-105).

Nessa perspectiva, há que considerar a experiência no tempo, sua interpretação e sua função orientadora na vida humana como pressuposto de qualquer relação de alteridade temporal e espacial. O ser humano não escapa ao fato de que na vida o passado se faz presente em sua existência, sendo preciso reconhecer o passado ao mesmo tempo como diferente, presente e necessário na vida prática. O fato, por exemplo, de estar em um museu é defrontar-se com todas essas ideias, suscitar inúmeras experiências e interpretações, constituir sentidos, fazer perguntas e buscar respostas a inquietações existenciais, usar o passado, ter sentimentos variados despertados.

Em segundo lugar, ao considerar os pressupostos de Rüsen, é importante acrescentar um outro conjunto de reflexões que vêm a declinar o campo de possibilidades dos usos da história e da história em relação à vida prática que podem subsidiar os estudos da Antiguidade. Trata-se da abordagem de David Lowenthal, em *The past is a foreign country*. O autor, conceituado geógrafo estadunidense, traz uma

gama de discussões que aprofundam o entendimento das pessoas em relação ao passado. Como Rüsen, ele estabelece a ligação que o passado tem com o presente e com a vida das pessoas considerando duas perspectivas: 1) o passado é necessariamente sempre interpretado segundo o presente e 2) o passado é agora tratado de forma diferente de como foi tratado anteriormente (ONTIVEROS, 2001, p.1-2). O passado pode ser entendido como real, no entanto não pode real e totalmente ser conhecido. Em seu livro, Lowenthal aponta, desde a introdução, que o passado está presente em todas as partes e se questiona acerca das razões que nos movem a recuperar o passado e recorrer a ele em nossas vidas. O passado surge, então, como uma forma mais pomposa e manipulável que o presente, num misto de nostalgia e outros sentimentos (LOWENTHAL, 1985, p.4-6). Lista-nos o autor, em seu segundo capítulo (*Benefits and burdens of the past*<sup>81</sup>), um conjunto de benefícios em relação ao passado, tais como: familiaridade, reconhecimento, reafirmação, afirmação individual, sentimento de pertencimento, identidade, orientação e enriquecimento. Dá-nos o passado legitimação, fundamentação e prazer (LOWENTHAL, 1985, p.35-37), oferecendo ainda precedência, afastamento (vida e romantismo), começos primordiais (respostas a questões básicas) e inocência primitiva (natureza, vida simples e honesta), continuidade, interrupção e, também, há que considerar as más memórias que podem prejudicar o presente (LOWENTHAL, 1985, p.35-72). As ambiguidades em relação ao passado podem ser inevitáveis e, assim, os sentimentos em relação a esse tempo transcorrido, os mais variados.

No capítulo 5, *How we know the past*<sup>82</sup>, Lowenthal afirma que podemos conhecer o passado por três caminhos: memória, história e relíquias (LOWENTHAL, 1985, p.187). A memória, pessoal e coletiva, é evocada de acordo com o presente, em interpretações subjetivas que as pessoas utilizam a partir de recordações, conduzindo a um passado em forma de crença individual, passível de deformação e alteração diante dos nossos caprichos e interesses, podendo ser uma opção/caminho mais pessoal (LOWENTHAL, 1985, p.193-210). A História, a sua vez, é sempre escrita por alguém. Desta forma, podem ser escritas distintas histórias sobre um mesmo acontecimento (LOWENTHAL, 1985, p. 210-238). Em terceiro lugar, as relíquias como resquícios do passado, simbolizam uma corporificação do passado acessível (LOWENTHAL, 1985,

---

<sup>81</sup> “Benefícios e ônus do passado”, tradução livre.

<sup>82</sup> “Como podemos conhecer o passado”, tradução livre.

p.238-249). Estas não possuem significado por si, mas necessitam de contextualização que a atribuam um valor. Pensando sobre as três vias de acesso, considera o referido autor a necessidade de interpenetração das três para acessar o passado de forma mais precisa.

Por fim, há que afirmar que Rüsen e Lowenthal nos trazem um conjunto de ideias basilares para o entendimento de nossas problemáticas em torno dos usos do passado e da História Antiga que, além de mostrar um viés de entendimento da relação Antiguidade/Presente, Conhecimento Formal/Vida Prática, auxiliam na atribuição de sentido para esse tipo de estudos. Aqui destacamos que: a) existe uma carência de orientação no tempo por parte dos seres humanos; b) essa carência reflete questões da vida prática das pessoas em relação ao passado; c) a carência reflete uma busca de sentido à vida refletido no passado que é encontrado na memória e na narrativa; d) o interesse e a apropriação do passado denotam lapsos de consciência histórica; e) o passado é sempre pensado a partir do presente e f) nossa relação com o passado é movida por diversos sentimentos decorrentes das carências de orientação. A partir dessas ideias basilares, consideramos que o passado pode ser compreendido de diferentes formas e que dele podem ser feitos inúmeros usos. As apropriações e usos do passado podem ser encontrados em todas as áreas do conhecimento que têm o passado como objeto e, no caso da História Antiga podem ser uma importante forma de acesso à significação desses estudos e problematização.

### *Referências bibliográficas*

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília-DF: EdUNB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *História Viva*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília-DF: EdUNB, 2007.

LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ONTIVEROS, Óscar Miranda. Comentários: LOWENTHAL, David. *El pasado es un país extraño*. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales: Universidad de Barcelona, N° 289, 2001.